



**Universidade de Brasília - UnB**

**Faculdade UnB Planaltina - FUP**

**Licenciatura em Educação do Campo - LEDOC**

**TEREZA JESUS DA SILVA**

**AGRICULTURA CAMPONESA: A PRODUÇÃO E  
COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS AGRÍCOLAS NO  
MUNICÍPIO DE JANGADA-MT**

Planaltina-DF

2014

**TEREZA JESUS DA SILVA**

**AGRICULTURA CAMPONESA: A PRODUÇÃO E  
COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS AGRÍCOLAS NO  
MUNICÍPIO DE JANGADA-MT**

Monografia apresentada a graduação de Licenciatura em Educação do Campo – LEDOC Universidade de Brasília - UnB para obtenção do título de Graduada em Licenciatura em Educação do Campo.

Área de Concentração: Agricultura Camponesa

Orientador: Prof.º Msc. Luiz Henrique Gomes de Moura

Planaltina – DF

2014

**TEREZA JESUS DA SILVA**

**AGRICULTURA CAMPONESA: A PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DOS  
PRODUTOS AGRÍCOLAS NO MUNICÍPIO DE JANGADA-MT**

Data de Aprovação \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.º Msc. Luiz Henrique Gomes de Moura - Orientador  
(EXAMINADOR)

---

Prof.ª.Drª.Enaile do Espirito Santo Iadanza  
(Examinadora)

---

Prof.ª Msc. Severina Alves de Almeida (Sissi)  
(Examinadora)

## DEDICATÓRIA

Á Deus por tudo que tem proporcionado na minha vida.

Ao meu orientador, Luíz Henrique Gomes de Moura, pela dedicação e carinho para com o meu trabalho, pelos dias de aprendizado e compreensão.

Aos meus pais Benedito Reis e Rita Argemira a quem amo muito, pelo amor incondicional, pela dedicação e esforço realizado para comigo, pelo exemplo de vida, e pela torcida.

Aos meus irmãos Bernada, Braz, Leonarda e Natalina, pelo carinho, amor e por compreender minha ausência em muitas bagunças familiar.

Aos meus irmãos Lozio e Ana (in memorian), vocês sempre vão estar em meu coração, sinto a vibração de felicidade de vocês junto comigo.

Aos meus filhos Shara Vitória e Emanuell Eduardo por superar minha ausência durante as etapas do curso, ficar sem meu colo e atenção durante esse tempo, mas dizer que foi por vocês, é por amor.

Ao meu esposo Wanderley Eduardo pelo companheirismo, apoio e compreensão, sou muito grata à você, que também foi guerreiro junto comigo.

Aos meus sobrinhos Egina Maria, Reginaldo, Esther Gabriely, Davi Gabriel, Nadilly Elisa, Gustavo e José Eduardo, pela ausência em muitos das brincadeiras.

Aos meus cunhados Constantino, Edivaldo e Débora, pelas palavras animadoras e pelo apoio.

A minha tia Sebastiana (Bi), que me incentivou os primeiros passos na escola.

As minhas avós Porcidônia Anastácia e Antônia Satiria (in memorian) pela intercessão, sei que onde vocês estiverem estão torcendo por mim.

A todos os docentes que fizeram parte da minha vida escolar nas séries iniciais, ensino fundamental e médio, contribuindo para que eu pudesse decodificar o mundo através da linguagem escrita. A esses docentes que contribuíram, dedico especialmente a Maria Conceição.

As escolas Estaduais e Municipais do campo do município de Jangada, Severiano Vieira da Silva, Maximiana do Nascimento, Damião Mamedes do Nascimento e Benedita Augusta Lemes, pelo incentivo.

## AGRADECIMENTO

A Deus por tão grande amor e grandiosas bênçãos na minha vida e de minha família. Por ter me proporcionado sabedoria, força, e paciência para superar a distancia das pessoas que amo e poder concluir esse meu grande sonho.

Ao professor Msc. Luiz Henrique Gomes de Moura por aceitar o convite para orientação desse trabalho, por ser um exemplo de pessoa, de orientador, por estar fazendo parte da realização do meu sonho.

A todos meus familiares Shara Vitória, Emanuell Eduardo, Wanderley, Bernada, Bráz, Leonarda, Natalina, Egina, Reginaldo, Esther, Davi, Nadilly, Gustavo, José Eduardo, Débora, Constantino, Edivaldo e especialmente aos meus pais Benedito Reis e Rita Argemira por tudo o que tens feito por mim por acreditar e fazer todo esforço para realização desse grande sonho que é tanto meu quanto de vocês. Minha família que amo tanto e nem encontrei palavras para dizer o quanto vocês são especiais para mim, e agradecer por tudo. Só sei que posso continuar pedindo ao grande mestre Jesus Cristo e sua Mãe Maria Santíssima para cuidar de vocês e recompensá-los por todo o empenho realizado tanto por mim quanto por meus filhos que cuidaram o tempo todo.

A todos os docentes e voluntários da LEdoC que contribuíram para minha formação acadêmica. Especialmente, a professora Mônica Castagna Molina por aceitar tão grandioso desafio em lutar para construção da Licenciatura em Educação do Campo. Por todos os coordenadores que já se desafiaram em coordenar o curso como a professora Rosineide Magalhães e Eliete Ávila Wolrff todas elas de forma tão meiga e instigadora.

A Cidirlene pela ajuda e paciência, em me atender em todos os momentos que a recorri.

A Anabela, pela paciência, carinho, dedicação, amizade.

Aos docentes, Prof<sup>o</sup>. Dr. Manoel Pereira de Andrade, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Enaile do Espírito Santo Iadanza e Prof<sup>a</sup>. Msc. Severina Alves de Almeida (Sissi), por acompanharem o meu trabalho com tanto carinho e amizade.

As famílias dos entrevistados nas pessoas de Maria Aparecida, Alceno Mialho, Benedito Reis, Germana Benedita e Cristiano Roseno que me acolheram com tanto carinho e atenção em suas residências, contribuindo com dados sobre suas experiências enriquecendo para o desenvolvimento do meu trabalho.

Aos educandos e aos pais dos educandos das Escolas Maximiana, Damião e Benedita pela compreensão de minha ausência em sala de aula, pelo carinho, amizade e confiança em meu trabalho com seus filhos.

Aos diretores das escolas onde passei Vitor, Rosalina, Ceriaco, Faustino e Lucidio pelo apoio e compreensão de ausentar da escola, e pelos truques internos que me possibilitou o término deste curso.

Ao quadro de funcionários da escola Damião, pelo apoio em minha inserção durante o curso, especialmente as Professoras Natalina Júlia, Vitalina e Márcia Cassini, por me ceder quantas de suas aulas para o desenvolvimento dos meus trabalhos, sou grata por tudo.

Aos colegas de serviço da escola Benedita Augusta pelo apoio, e por fazer mais que seus trabalhos para suprir minha ausência, em especial Lozia, Rafaelina e Felipa.

A Comunidade Mutum Boa Vista, a Igreja São Sebastião a quem faço parte por compreender minha ausência durante quatro anos.

Ao Senhor Paulo José Ferreira um dos fundadores da Comunidade Mutum Boa Vista, pela sua paciência de contar com detalhes a formação da comunidade, grata por ter partilhado tantas histórias de vida comigo.

A todos os colegas da turma Panteras negras pela compreensão, aprendizado, carinho e amizade, em especial agradeço elas Leidiane, Edislaine Érica, Lucinete, Sideni e Celma pelos momentos de alegrias, tristezas choros, que compartilhamos, por saber que poderia contar com a outra sempre que fosse preciso, pelo esforço e incentivo para não desistirmos da nossa trajetória em busca desse sonho.

Agradeço a todos que participaram direta ou indiretamente desse trabalho, fica o meu muito obrigado.



*“ Esperei confiantemente pelo senhor , ele se inclinou para mim , e me ouviu quando eu  
clamei por socorro” salmo 40:1*

*“Aos poucos, ainda que seja necessário apressar o passo, vislumbro um novo paradigma de desenvolvimento rural onde a racionalidade camponesa poderá se afirmar. (...) É a partir desses esquemas que nascem da vivencia social local, que se busca referenciais mais gerais que permitam o estabelecimento de objetivos estratégicos de ação para o campesinato de todo o país no processo dialético de negação da opressão pela imposição da racionalidade capitalista e na afirmação dos camponeses como sujeitos sociais”  
(Carvalho, Horácio M. 2005, p.5).*

*“É melhor morrer na luta do que morrer de fome”  
Margarida Alves*

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

CAR (Cadastro Ambiental Rural);

CPT- Comissão Pastoral da Terra.

DAP – Declaração de Aptidão ao Pronaf.

EJA - Educação de Jovens e Adultos

EMPAER- Empresa Mato - Grossense de Pesquisa Assistência e Extensão Rural.

FNDE- Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

IBGE- Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística

IMEA- Instituto Mato-Grossense de Economia Agrícola

INCRA- Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

LEdoC - Licenciatura em Educação do Campo.

MAB - Movimento dos Atingidos por Barragens

MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar.

PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária.

SIM - Serviço de Inspeção Municipal

## RESUMO

A teia problemática da exclusão social, da fome, da degradação ambiental, são contradições evidentes do modo de produção capitalista. Esses põem sob suspeita o atual padrão de produção e consumo alimentar e a relação da sociedade com a natureza. Dessa forma, a produção e comercialização dos produtos oriundos da agricultura camponesa vem sendo objeto de reflexões por parte dos movimentos sociais, dos agricultores e de uma parte da sociedade, os quais têm se preocupado com a soberania alimentar nos últimos anos. Assim, no município de Jangada – MT, apesar de existir a produção, essa passa pelos entraves que impedem a comercialização, como por exemplo: o CAR (Cadastro Ambiental Rural); SIM (Serviço de Inspeção Municipal); DAP (Declaração de Aptidão ao PRONAF); deficiência de transporte para o escoamento da produção e assistência técnica debilitada. É difícil superar tamanha burocracia para comercializar a produção ficando assim a mesma condicionada aos produtores com capital expressivo. Nesse sentido, buscaremos com esse trabalho compreender esses entraves burocráticos para, em nossa ação cotidiana, propor medidas para superá-los.

**Palavras-chave:** Agricultura; Agricultura Camponesa; Produção; Comercialização; Jangada-MT.

## **ABSTRACT**

The problematic web of social exclusion, hunger, environmental degradation, are evident contradictions of the capitalist mode of production. These put under suspicion the current standard of food production and consumption and the relationship between society and nature. Thus, handle on production and marketing of products from family farms, has been the object of reflection by the social movements, farmers and a part of society, which have been concerned about food sovereignty in recent years. Thus, in the municipality of Jangada - MT, although there is production, that goes through the barriers that prevent marketing, for example, the CAR (Rural Environmental Registry); SIM (Municipal Inspection Service); DAP (Aptitude Declaration to PRONAF); transport deficiency to the flow of production and poor service. It is difficult to overcome such bureaucracy to market production and thus the same subject to producers with significant capital. In this sense, we will seek, with this work to understand these bureaucratic obstacles in our daily action, propose measures to overcome them.

**Keywords:** Agriculture; Peasant Agriculture; Production; Marketing; Jangada-MT.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I.....	17
1. AGRICULTURA E AGRICULTURA CAMPONESA: ASPECTOS TEÓRICOS E CONCEITUAIS.....	17
1.1- Conceito de Agricultura Camponesa.....	17
1.1.1 Agricultura.....	19
1.1.2 Agricultura Camponesa no Brasil.....	22
CAPÍTULO II.....	24
2.AGRICULTURA NO ESTADO DO MATO GROSSO E A DINÂMICA DAS COMUNIDADES CAMPONESAS EM JANGADA/MT.....	24
2.1.Jangada Mato Grosso: Aspectos Sócio-Históricos.....	27
2.1.1.Caracterização Históricas das Comunidades.....	30
2.2. A Produção e a Comercialização dos produtos agrícolas em jangada MT....	33
2.3. Um Breve Histórico sobre Educação do e no Campo.....	34
CAPÍTULO III.....	37
3.LIMITES E POTENCIALIDADES DO CAMPESINATO EM JANGADA/MT.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46
ANEXOS.....	48

## INTRODUÇÃO

A agricultura camponesa vem sendo amplamente debatida nos mais variados espaços da sociedade, nos termos de ser a oposição a produção capitalista agrária. Esse modelo de agricultura tem buscado desenvolver uma questão seríssima que é a produção sustentável e agroecológica, que enfrenta dificuldades em relação à emancipação política e à sustentabilidade.

A proposta dessa pesquisa é compreender a dinâmica da agricultura camponesa em comunidades rurais do município de Jangada - MT. Um dos grandes desafios é saber o destino do excedente da produção, considerando a necessidade da população de se alimentar, uma vez que é indispensável o consumo de alimentos frescos, saudáveis e nutritivos.

O estudo tem como foco o papel do camponês na produção e comercialização da variedade dos produtos existentes no município, visando à sua importância, tanto para a subsistência, quanto para a valorização das famílias camponesas. O estudo de caso, se deu nas Comunidades Vaquejador, Mutum Boa Vista, Mutum e Mato Grosso Velho, do município de Jangada.

O município de Jangada é predominantemente rural, sendo que 79% de sua população total se concentra na zona rural. A cidade é economicamente sustentada por essa parcela da população, isto é, os agricultores, na maioria aposentados, crianças e adolescentes entre 12 a 16 anos.(IBGE,2010).

A metodologia empregada no estudo é de base qualitativa - quantitativa, através de entrevistas, questionários e levantamento de dados secundários. A fundamentação teórica foi feita com base na revisão bibliográfica de estudiosos relativos à agricultura camponesa como artigos, monografias, teses e dissertações de colegas que fazem estudos relacionados ao tema.

Nesse contexto, buscamos com este trabalho o debate acerca da agricultura familiar e agricultura camponesa, sobretudo, compreender os elementos da agricultura camponesa nesse município, tais como o manejo, a diversidade produtiva e as formas e dificuldades de comercialização. Portanto que os produtores camponeses/as percebam e busquem, ao mesmo tempo, alternativas de organização coletiva, facilitando seu modo de vida e subsistência.

Dessa forma o trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos o conceito de agricultura camponesa no Brasil. Em seguida, no segundo capítulo, fazemos uma contextualização do local da pesquisa e dos sujeitos envolvidos no processo. No terceiro e último capítulo fizemos uma breve análise dos dados coletados.

Portanto, o objetivo central do trabalho é compreender os elementos da produção e comercialização das famílias camponesas de Jangada, buscando identificar dificuldades e potencialidades para a reprodução social desse campesinato.

Com efeito, um grande desafio da comercialização é a distribuição dos produtos da agricultura camponesa para Alimentação Escolar, onde a mesma tem capacidade de atender às demandas das escolas do município, porém não conseguem escoar seus produtos devido à complexidade e à burocracia que dificulta a vida dos produtores.

Não tem como negar as dificuldades enfrentadas pela agricultura camponesa, como por exemplo, a falta de celeridade por parte do poder público, a ausência de comprometimento com as causas sociais, que afetam de tal forma o agricultor, a ponto de deixarem suas propriedades para tentar a vida nos centros urbanos.

Nesse sentido, é importante referenciar a Lei Federal 11.947<sup>1</sup>, que trata da aquisição de produtos para a alimentação escolar, a qual se apresenta como uma grande conquista para os agricultores familiares camponeses/as, e também para os estudantes que foram incluídos no universo dos alunos atendidos com a alimentação escolar. De acordo com essa lei, pelo menos 30% dos produtos adquiridos para alimentar os estudantes com recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) deve vir da agricultura familiar.

A justificativa da pesquisa se manifesta no fato de que a agricultura familiar, no Brasil, vem sendo historicamente tratada com desdém e descaso, onde o agricultor que abastece a mesa da população não tem aparatos necessários para se consolidar no meio produtivo, assim acaba se acoplando nos grandes produtores para poder escoar sua produção.

A instalação de uma central de comercialização e abastecimento da agricultura familiar, cujo objetivo central é diminuir a participação da figura do atravessador no processo de venda dos produtos da agricultura familiar na Baixada Cuiabana, é uma conquista, fruto da luta dos agricultores familiares desde o ano de 1998, mas só foi

---

<sup>1</sup><http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/711767/lei-11947-09#>. Acesso no dia 03/06/2014, as 15h17min.

consolidada no ano de 2004. A Central está localizada no município de Várzea Grande, mas recebe agricultores e agricultoras dos 14 municípios que compõe a Baixada Cuiabana, entre eles o município de Jangada.

A comercialização dos produtos da agricultura familiar na Baixada Cuiabana é um grande desafio uma vez que é historicamente explorada pela prática do atravessador (pessoa habilitada em comprar os produtos por um preço irrisório e superfaturar o produto que abastece os comércios da região,destacamos a farinha como um dos principais desses produtos,procurado pelos atravessadores que vem sendo alvo desse tipo de exploração.

Os agricultores/as camponeses/as ainda são bastante limitados, pois a existência dos atravessadores e de uma grande burocracia limita a comercialização da produção camponesa na região. Assim, busca-se na agricultura camponesa a desburocratização dos processos que travam a comercialização podendo assim abrir espaço para a agricultura camponesa, dentro de suas possibilidades e seus princípios.

Apesar de assegurados no papel, os direitos dos trabalhadores rurais não são garantidos na prática. Além de constantemente ameaçados por setores ligados ao latifúndio e ao agronegócio (na forma de medidas e Projetos de Lei que tentam desqualificar a importância do trabalho camponês), a falta de informação, de documentação e a burocracia imposta aos camponeses são considerados os principais entraves na hora de receber o benefício.



## CAPÍTULO I

### 1. AGRICULTURA E AGRICULTURA CAMPONESA: ASPECTOS TEÓRICOS E CONCEITUAIS

A agricultura de um modo geral trata do trabalho agrícola como um todo. A agricultura é a lavoura ou o cultivo da terra e inclui todos os trabalhos relacionados com o tratamento do solo e a plantação de vegetais. As atividades agrícolas destinam-se a produção de alimentos e a obtenção de verduras (legumes), frutas, hortaliças, cereais entre outros.

A agricultura implica a transformação do meio ambiente para satisfazer as necessidades do homem. É esta capacidade de transformação consciente da natureza que distingue o ser humano de outros seres vivos. Dessa maneira o surgimento da agricultura foi um passo essencial no desenvolvimento da humanidade. A agricultura patronal ou capitalista e a agricultura familiar ou camponesa são exemplos dessas práticas considerada com interesses muito antagônicos. Mas a prática da agricultura torna-se cada vez mais importante para a população, seja ela agricultura só de abastecimento ao mercado ou de subsistência, cada um com sua importância e seu valor, como discutiremos adiante nos próximos capítulos.

#### 1.1. Conceito de Agricultura Camponesa

A agricultura camponesa é o modo de fazer agricultura, de viver das famílias que, tendo acesso à terra e aos recursos naturais que ela suporta, resolvem seus problemas reprodutivos por meio da produção rural, desenvolvida de tal maneira que não se diferencia o universo dos que decidem sobre a alocação do trabalho dos que se apropriam do resultado dessa alocação (COSTA, 2000, p. 116-130 *apud* COSTA E CARVALHO, 2012, p. 26).

Nesse sentido, a prática de cultivo na agricultura camponesa e suas características estão relacionadas ao modo de produzir das famílias e à vida comunitária de convivência com a natureza, tendo como centralidade a reprodução social dos seus trabalhadores diretos, que são as pessoas da própria família. Ao contrário das empresas capitalistas que visam produção em grande escala e assalariamento a fim de obter lucro expressivo.

A produção camponesa se mantém através de formação social, resistência, valores culturais, saberes e fazeres de um povo utilizando o acesso de forma livre e autônoma de relação com a terra, floresta e águas respeitando-as e mantendo os valores culturais de recursos auto criados e auto manejados na prática produtiva e valorizando as formas de

apropriação, redistribuição e consumo de bens materiais e sociais. Nesse sentido, vale ressaltar que o modo da agricultura camponesa não está separado do modo de viver das famílias, isso quer dizer que é um valor de referência da agricultura camponesa.

As empresas capitalistas, por exemplo, se mantêm tendo como referência o lucro a ser obtido, dessa maneira esse lucro é articulado com os impactos sociais, políticos, ambientais e alimentares que ele possa provocar. Além disso, o modo de produção capitalista requer cada vez mais concentração de terras para a prática do monocultivo, biotecnologias e uso de insumos, enfim grande concentração de riquezas. É importante ressaltar as contradições existentes no modo de produção capitalista e camponesa.

A expressão agricultura de subsistência, presente nos discursos dominantes desde o Brasil colonial, discrimina os camponeses por serem produtores de alimentos uma tarefa considerada subalterna, ainda que necessária para a reprodução social da formação social brasileira-,contrapondo-os ao modo dominante de se fazer a agricultura,o qual se reproduz desde as sesmarias até a empresa capitalista contemporânea,mantendo a tendência geral de se especializar no monocultivo e na oferta de produtos para a exportação (COSTA e CARVALHO, 2012, p. 29).

A prática da agricultura capitalista ou agricultura convencional teve início na década de 1950, se expandindo e consolidando a partir da década de 60. Isso favoreceu tecnificação e artificialização da agricultura, ou seja, foram introduzidos os pacotes tecnológicos com objetivo de produção em larga escala para obter capital.

No campo, a introdução dos pacotes tecnológicos e o capitalismo ocorrem no sentido de desconstruir o conceito da agricultura camponesa, utilizando a expressão agricultura familiar. “*A construção teórica da agricultura familiar tem construído a compreensão e a percepção que o camponês representa o velho, o arcaico e o atraso, enquanto o agricultor familiar representa o novo, o moderno, o progresso*” (FERNANDES, s/d, p.7), que por sua vez prega novas ideologias de crescimento da renda familiar, havendo integração com as empresas e/ou agroindústrias capitalistas.

Segundo Costa e Carvalho:

A expressão agricultura camponesa comporta, na sua concepção, a especificidade camponesa e a construção da sua autonomia relativa em relação aos capitais.Incorpora, portanto,um diferencial:a perspectiva maior de fortalecimento dos camponeses pela afirmação de seu modo de produzir e de viver,sem com isso negar uma modernidade que se quer camponesa (COSTA e CARVALHO, 2012, p. 29).

Partindo da afirmação do autor acima citado, enfatizamos ainda que a agricultura camponesa como uma alternativa de produção de subsistência reconhecida também como classe trabalhadora e social, que portanto não é apenas um setor da economia, mas uma forma de organização da produção ou um modo de vida e de reprodução social. Diante disso enquanto o campo brasileiro tiver a marca da extrema desigualdade social e a figura do latifúndio se mantiver no centro do poder político e econômico esteja ele associado ou não ao capital industrial e financeiro, defendemos no entanto a atualidade deste conceito cuja densidade histórica nos remete a um passado de lutas no campo e ao futuro como possibilidades.

Portanto mesmo sendo a agricultura camponesa sempre a principal produtora de alimentos, ela enfrentou e enfrenta várias dificuldades políticas de acesso a terra em variadas formas de pressão e repressão das empresas capitalistas. Porém mesmo com tantas formas de repressão a agricultura camponesa se fortalece através do trabalho coletivo e nos diversos movimentos sociais que respeitam os modos de vida dos mesmos, proporcionando alternativas de seus direitos pautados por lei, onde ainda muitas vezes lhes é negado. Diante disso os agricultores camponeses lutam coletivamente mantendo a resistência e as lutas de classe pela identidade camponesa.

### **1.1.1. Agricultura**

Agricultura é um termo utilizado para explicar a prática do cultivo dos campos, representando assim o trabalho e as práticas usadas para a obtenção dos produtos agrícolas. A utilização agrícola do solo teve início no período Neolítico. Nos diferentes graus de evolução que se estenderam até o desenvolvimento atual, teve extrema importância de uso as seguintes ferramentas de trabalho: a enxada para realizar a aração, os animais de tração e a utilização de adubos artificiais e compostagens e as máquinas agrícolas.

Portanto, agricultura é a união de técnicas utilizadas no solo para o manejo e o cultivo de vegetais destinados a alimentação humana, animal e a produção de matérias-primas, ornamentação entre outros. Nesse sentido, basta afirmar que a agricultura é uma atividade produtiva de grande importância para o homem, pois é a partir dela que obtemos nosso sustento. Dessa maneira é importante ressaltar os três fatores ligados a produção agrícola: o físico como o solo e o clima, o fator humano, que corresponde á mão-de-obra em seu desenvolvimento, e o fator econômico, que se refere ao valor de terra nível de tecnologias aplicadas na produção. Considera-se como agricultor uma pessoa que se dedica à agricultura, sendo ele proprietário arrendatário, ou administrador de uma produção

agrícola, sem necessidades de ter estudos específicos, já que os estudos de agricultura não são necessários para exercer esta profissão.

Os recursos financeiros aplicados na produção agrícola de alguma forma tornam-se um fator de extrema importância para alguns dos modelos de agricultura dependendo do modelo que se pretende desenvolver. Nas áreas onde a agricultura é cultivada com grande extensão ou de maneira comercial, realiza-se o uso de insumos agrícolas (fertilizantes, agrotóxicos e maquinários), fatores que favorecem na produção o aumento significativo, onde surge o acúmulo de bens e capital, pois dessa forma esses elementos atende a necessidade da produção diminuindo a mão de obra, dos agricultores. Já na agricultura de subsistência ou agricultura camponesa a quantidade de trabalhadores é mais elevado, pois, não há utilização de serviços mecanizados próprio e nem terceirizado para a realização do trabalho. Diante disso a produtividade é baixa diante da quase inexistência de tecnologias inseridos no sistema produtivo.

Enfatizamos ainda a importância da agricultura, que durante vários milênios ela foi a principal atividade econômica mundial. Apesar disso percebe-se que, nos últimos dois séculos, e principalmente nas sociedades industrializadas, tem-se notado uma diminuição do número de pessoas que se dedicam à agricultura. Dessa forma pode ser explicado pelo processo de migração para as cidades. Apesar disso, os avanços da tecnologias permitem a produção de mais bens agrícolas com poucas pessoas trabalhando nessa área. Nesse sentido destacamos dois modelos de agricultura mais presente no contexto da produção agrícola: Agricultura Patronal e Agricultura camponesa.

Nesse sentido, vale ressaltar que o modelo de agricultura patronal é o modelo de agricultura que se opõe diretamente ao modelo de agricultura familiar. Se, no modelo familiar a agricultura é mais voltada para o consumo familiar, fazendo parte de um cultivo próprio e de subsistência dentro do círculo de familiares, comercializando apenas o excedente, a agricultura patronal é exatamente o contrário, ela está completamente voltada para o lucro e para a produção, gerando vendas cada vez mais extensas de seus produtos. Por isso, na agricultura patronal existe uma organização dos setores de trabalhos, separando aqueles que realizam a gestão da empresa e dos lucros obtidos e os que exercem os trabalhos através da mão-de-obra no campo.

"Agricultura patronal" é um conceito jurídico e econômico adotado no Brasil, na área econômica da agricultura. A agricultura patronal é a agricultura de produção em larga escala, com grandes fazendas e com empregados fixos ou temporários. Também pode ser interpretada como o oposto da agricultura familiar, a qual produz em pequena escala, tendo como mão-de-obra principalmente os núcleos

familiares, com pequenas propriedades de terra e pequenos proprietários rurais <sup>2</sup>.  
(aspas do autor).

Hoje em dia existe a problemática que sugere que a agricultura familiar não tem tanta importância para a agricultura brasileira, somente a patronal é considerada a mais importante, é ela que favorece a economia do país gerando empregos e produzindo alimentação a população entre outros. Mas mesmo assim podemos afirmar que a maior produtora do país continua sendo a agricultura familiar a responsável pela grande parte da produção de certos alimentos como o feijão, a mandioca a banana, verduras em geral entre outros. Para muitos as duas ainda são essenciais para a agricultura brasileira e que nenhuma se sobrepõe a outra. Ambas fazem parte do agronegócio e ambas atendem as exigências do mercado.

Existem na agricultura patronal muitos trabalhadores assalariados que são pagos como quaisquer outros trabalhadores de outros setores, não tendo sobre tudo parte nos lucros da produção, sendo importante somente como mão de obra para obter e acumular capital.

Outra marca forte da agricultura patronal é a prática de extensas áreas de monocultivos destinadas propriamente para aumentar a produção e por fim o seu potencial de lucro. Para isso, exige principalmente o uso de pacotes tecnológicos que determinam o meio de produção capitalista.

Durante a produção as decisões também são tomadas de maneira amplamente diferente nestes dois tipos de agricultura. Enquanto na agricultura camponesa as decisões são tomadas de maneira coletiva entre os membros familiares, na agricultura patronal a organização da produção é apenas a pessoa responsável é quem toma as decisões necessárias e aos trabalhadores que de fato, ficam no campo, a estes cabem apenas seguir as ordens dadas.

Nesse sentido, cabe afirmar que os níveis de campenização tornam-se essenciais para a análise da agricultura. Uma vez que é determinado pelo tempo e espaço. A agricultura camponesa por sua vez é menos dependente do mercado no sentido de acesso a insumos e outros meios de produção.

Para ela, esses meios e insumos são parte integrante do estoque disponível de capital ecológico. Não são adquiridos nos mercados como fazem na agricultura

---

<sup>2</sup> [http://projetoterra7b.blogspot.com.br/2010/08/blog\\_post.html](http://projetoterra7b.blogspot.com.br/2010/08/blog_post.html). Acesso no dia 07/11/2014, as 21:23 horas.

empresarial. Sendo assim, a agricultura camponesa é de fato auto-suficiente ou auto-abastecidas Não são adquiridos nos mercados como acontece na agricultura empresarial, pois dependem somente de práticas e de conhecimentos adquiridos das raízes familiares.

### **1.1.2.Agricultura camponesa no Brasil**

A resistência dos povos do campo vem desde há muito tempo, demarcados através de lutas contra o sistema de dominação imposta na sociedade, ou seja, o sistema capitalista vigente.

Nesse sentido, é importante enfatizar que “a história do campesinato brasileiro veio do período do colonialismo até os dias atuais marcada de preconceito” (LIMA, s/d, p.4). São muitas as palavras atribuídas às pessoas que vivem no campo que possuem sentidos duplos, muitas vindas desde períodos históricos como a colonização, a escravidão, o feudalismo, dentre outros.

São palavras que desde tempos remotos têm duplo sentido. Referem-se aos que vivem lá longe, no campo, fora das cidades e que, por isso, são também rústicos, atrasados ou, então, ingênuos, inacessíveis. Têm também o sentido de tolo, de tonto. Às vezes querem dizer também “preguiçosos”, que não gostam de trabalho. No conjunto são palavras depreciativas, ofensivas (MARTINS, 1983, p. 22 *apud* LIMA, s/d, p. 5).

Diante disso, são muitas as questões voltadas às práticas da luta para a permanência no campo e no enfrentamento aos preconceitos colocados historicamente à classe trabalhadora. Com isso, surgem certas estratégias de pertença e resistência para continuar a desenvolver as atividades de sobrevivência e de novas perspectivas políticas, econômicas e sociais de forma organizada.

Nesse contexto, o uso da palavra *camponês e campesinato* são termos utilizados pela classe trabalhadora do campo como estratégia de colocar as pessoas que vivem no campo, bem como: quilombolas, indígenas, ribeirinhos, assentados, entre outros, não somente como produtores agrícolas, mas como uma forma de posição política de enfrentamento ao sistema capitalista e de organização social.

As palavras ‘camponês’ e ‘campesinato’ são das mais recentes no vocabulário brasileiro, aí chegadas pelo caminho da importação política. Introduzidas em definitivo pelas esquerdas há pouco mais de duas décadas, procuraram dar conta das lutas dos trabalhadores do campo que irromperam em vários pontos do país

nos anos cinquenta. Antes disso, um trabalhador parecido, que na Europa e em outros países da América Latina é classificado como camponês, tinha aqui denominações próprias, específicas até em cada região (MARTINS, 1983, p. 21 *apud* LIMA, s/d, p. 4).

## CAPÍTULO II

### 2. AGRICULTURA NO ESTADO DO MATO GROSSO E A DINÂMICA DAS COMUNIDADES CAMPONESAS EM JANGADA/MT

De acordo com Marchese:

No Brasil, fracassos, tensões crescentes e polêmicas, acompanham o desenvolvimento urbano das duas últimas décadas. O País rural dos anos 40, definitivamente não existe mais, em seu lugar surgiu um labirinto de aglomerados urbanos onde a disparidade da distribuição de renda, combinada com a imprevidência dos planejadores, criou distorções das mais inquietantes. A insustentabilidade do sistema fica evidenciada pela falta de quase tudo; segurança, transporte, hospitais, saneamento básico, escolas e áreas de lazer entre outros (MARCHESE, 2010, p. 13).

A autora aborda questões sobre desenvolvimento regional, onde se refere ao Estado de Mato Grosso, destacando sua precariedade das estradas, parque industrial, comércio serviços, entre outros sem condições de alavancar o potencial turístico do estado. Sendo que o Brasil tem suas diversidades e culturas locais, porém o povo brasileiro nem sempre desfruta dos interesses locais, deixando de investir no próprio país, indo investir em países estrangeiros. Além disso, outros aspectos também que fazem relação com as formas de desenvolvimento do estado, entre elas a má distribuição de renda e a falta de planejamento que está ligado aos fatores socioeconômico, culturais e ambientais do estado.

Nesse sentido ressaltamos ainda que o desenvolvimento que avança a partir da participação da sociedade organizada, de certa forma beneficiam não apenas as populações locais, mas que é ampliado a relação de vasos comunicantes com o conjunto no âmbito da sociedade brasileira.

Diante dessa realidade a população organizada, mantém uma visão ampla no sentido do ciclo de evolução que requer a relação de todos os conjuntos sociais e com os setores públicos conscientes de propostas populares que visam caracterizar um Estado voltado para as definições de Políticas Públicas, que atendam as especificidades da população.

Segundo Marchese:

A primeira publicação específica sobre o tema de desigualdades inter-regionais no Mato Grosso, ocorreu em novembro de 2003. Naquela época, utilizando-se de diferentes fontes de informações municipais, agrupadas por microrregiões, ficou demonstrado que o processo de crescimento econômico e desenvolvimento humano não ocorriam, com o mesmo ritmo e intensidade no espaço estadual, apresentando uma tendência a aprofundar as desigualdades. [...] A característica



nacional de desenvolvimento desigual foi reproduzida no espaço estadual, fato inicialmente indicado e constatado pela diferenciação interna (MARCHESE, 2010, p. 15).

Diante deste cenário e mediante as informações municipais nessa época, percebe-se que o desenvolvimento humano e crescimento econômico não aconteciam, portanto, a tendência da desigualdade só tinha a aumentar.

Nesse sentido, agregar os municípios por microrregiões seria uma hipótese para ser analisada com mais proximidade e atenção. Pois deste modo, percebe-se melhor a realidade estadual, intermunicipal e regional, demonstrando claramente as diferenças que de certa forma, ficava por muito tempo escondida.

Este fato se dava, devido estas regiões serem avaliadas, sendo comparadas com a realidade de microrregiões desenvolvidas, analisando de forma geral e abrangente tornando essa classificação regional de um modo geral.

Sendo assim, de acordo com a autora acima citada, na região do Alto Pantanal, onde o município de Jangada dentre outros municípios estão situadas como uma das microrregiões, o desenvolvimento humano e o crescimento econômico está considerado em regressão ou estagnada. Enquanto há várias outras regiões do estado que são considerado dinâmicas.

Nesse caso as regiões dinâmicas ou em moderado dinamismo, são avaliados de forma geral com uma grande abrangência tornando todo o estado com alto índice de desenvolvimento, escondendo assim o que de fato corresponde a realidade das microrregiões de desenvolvimento estagnadas.

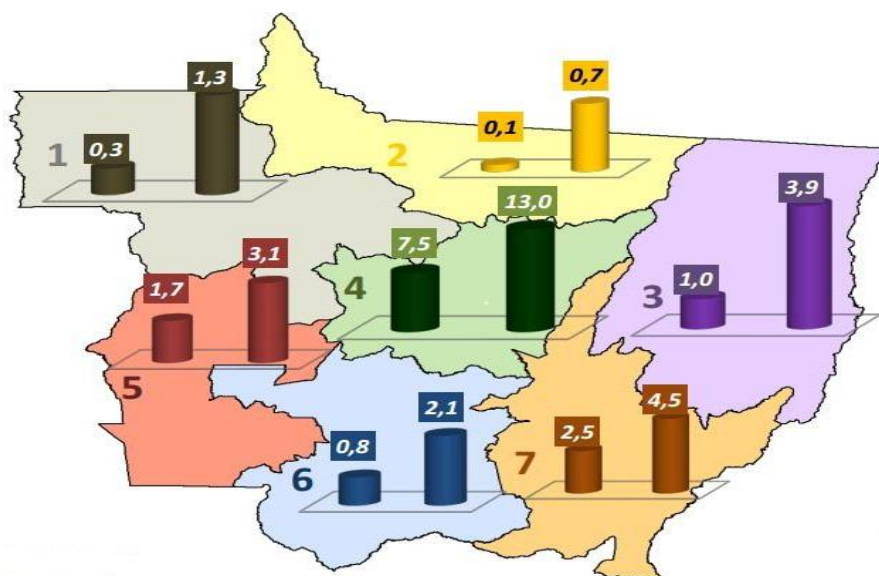
Na medida em que a lógica da ação econômica, dos interesses mercantis (momentâneos, permanentes, cíclicos), altera a quantidade e características das populações urbanas, mudam a paisagem, incorpora-se novas áreas, surgem novas formas de uso e ocupação, concentram-se atividades, mudando a natureza, as dimensões das regiões e sua posição em relação à totalidade maior. Assim, o avanço da capacidade técnico-mercantil de apropriação produtiva do espaço, altera as regionalizações ao longo do tempo. O Mato Grosso possui regiões marcadas pela planície pantaneira e seu entorno, onde o uso da hidrografia (rios Paraguai e Cuiabá) para apropriar-se e usar o espaço era quase determinante (MARCHESE, 2010, p.18).

Dessa forma o Estado de Mato Grosso mantém a utilização produtiva, onde ocorre as transformações no território, isto é modificações nas características do local apropriado e usado principalmente em populações urbanas.

Outro aspecto que influencia muito as modificações do território são as tecnologias fluviais, as rodovias e ferrovias, à medida que vai se expandindo, vai surgindo novos municípios e novas denominações regionais, dando acesso a outros estados.

Segundo o Instituto Mato-Grossense de Economia Agrícola (IMEA), haverá, até 2022/23, uma vigorosa expansão da produção de soja e milho no estado, de forma heterogênea por essas distintas regiões. Conforme podemos observar na figura 01, é esperado o crescimento da área plantada de milho em todas as regiões, o que evidencia um período de disputa por terras para produção monocultural.

Mais especificamente, a região onde está o município de Jangada, foco deste trabalho, é chamada Centro-Sul Matogrossense, identificada pelo número 6. Essa região é a que possui a quarta maior projeção de crescimento da área de milho, com um aumento de 114% entre as safras de 2012/2013 e 2022/2023.



**Figura 01. Crescimento de área de milho por região (mil ha) (2012/13-2021/22)**  
**Fonte: IMEA (2014).**

O mesmo se dá para a produção de soja. Segundo o mesmo estudo, conforme exposto na figura 02, a expansão da produção da soja também será vigorosa e se dará em todas as regiões do estado.

Embora essa figura trate da produção e não da área, podemos assumir que grande parte dessa produção está ligada ao aumento de área, uma vez que o mesmo estudo aponta que o aumento da produção será dado por um crescimento de apenas 6,7% da produtividade, ante crescimento de 51,8% da área plantada.

Para a região Centro-Sul Matogrossense está estimado também o quarto maior crescimento do estado, com um aumento de 100% da produção de soja na região. Ambas as perspectivas demonstram que a região passará por grande pressão da agricultura capitalista, ameaçando a agricultura camponesa e sua diversidade.



Figura 02. Crescimento de produção de soja por região (2012/13 – 2022/23).Fonte: IMEA (2014).

Assim as características culturais regionais de Mato grosso é um pouco difícil de se localizar, uma vez que por haver muitas migrações para o estado pessoas de diferentes culturas, dessa forma originando uma miscigenação própria formando novas culturas.

## 2.1.Jangada Mato Grosso: Aspectos Sociohistóricos

O município de Jangada (figura 3) possui uma extensão territorial: de 1.018,492 km<sup>2</sup>, está localizado na mesorregião Centro-Sul Mato-Grossense e microregião de Rosário Oeste. (IBGE, 2010) Em 2010 a população jangadenses era de 7,696 habitantes, de acordo com o histórico do município de Jangada, teve um crescimento populacional de 0,15% em quatro anos. Atualmente o município conta com uma estimativa de aproximadamente 8.058 habitantes. (HISTÓRICO do MUNICÍPIO).



**Figura 3. Mapa do Município de Jangada MT. Fonte: [Http://www.mtseusmunicípio.com.br](http://www.mtseusmunicípio.com.br). Acesso no dia 12/11/2014.**

Jangada está localizada no bioma Cerrado, com o clima tropical quente e sub-úmido, com 5 meses de seca, de maio a setembro e precipitação pluviométrica anual de 1.750 mm, com intensidade máxima em dezembro, janeiro e fevereiro, ocorrendo fortes chuvas nessa época. Tendo assim uma temperatura média de 24°C, sendo maior temperatura 40°C. A Bacia hidrográfica é a grande bacia do Rio Prata (IBGE, 2010).

O nome “Jangada” denomina-se do Ribeirão Jangada que corta e passa junto às sedes do município. Nesse sentido, a região é formada por um relevo de depressão do Rio Paraguai, calha do Rio Cuiabá e Serra das Araras. O primeiro nome da localidade foi Passa Três, dado por antigos moradores. Por muitos anos, o lugar ficou conhecido por este nome. Também há possível menção ao nome, no século XIX, devido à presença, na vegetação nativa, de *Heliocarpus americanus*, a jangada brava, da família Tiliaceae, que deu nome ao Ribeirão e, mais tarde, à cidade (FERREIRA e SILVA, 2008).

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), o município de Jangada está situado há 70 km da capital de Cuiabá via BR-163/364, possibilitando desde os antigos moradores que valeram-se muito da riqueza de transportes, o fácil acesso a rodovia para a realização das atividades comerciais.

O município está também inserido na região conhecida como Baixada Cuiabana, estando sob influência econômica da capital, Cuiabá. Essa é uma região que, segundo

Amaral e Souza (2013), aglutinam todas as típicas manifestações culturais mato-grossenses como a culinária, o modo próprio de falar, a relação entre população e ambiente, sendo a raiz histórico-cultural comum o grande fator de coesão interna do próprio território.

É importante destacar que a exploração do ouro e a produção agropecuária, executadas pelo trabalho escravo, fizeram com que os municípios da região possuam atualmente grande parte da população formada por descendentes indígenas e africanos.

Jangada surgiu a partir da concentração de diversas famílias provenientes de várias regiões do Brasil. Essas famílias tinham como prática o desenvolvimento das atividades agropecuárias, em especial as boiadas, sendo, pois Jangada o “caminho das boiadas”. Essa característica se consolidou, pois as terras eram devolutas, o que permitiu a gradual formação de comunidades, constituindo o município.

Assim, os primeiros colonizadores de Passa Três foram Félix José de Trindade, Ricardo Firmo da Cunha, Joaquim Marques da Silva, Antonio de Almeida e Fidêncio Ribeiro. Essas famílias contribuíram muito para a colonização do local. Sendo, pois, o pioneiro Félix José de Trindade que vivia uma vida tranqüila no local e devido a isso viveu até aos 110 anos de idade.

Os primeiros cidadãos que se aventuraram nas lidas com o comércio local foram: Inocêncio Vieira de Almeida, Antonio Borges de Figueiredo e Sebastião Corrêa de Moraes, que traziam mercadorias para revenda da antiga vila da Passagem da Conceição, hoje distrito de Várzea Grande.

A logística de circulação de bens e pessoas era feita as margens do Rio Cuiabá, percorrido por comerciantes que traziam mercadorias em lombo de burros, e às vezes em carros de boi. O percurso durava aproximadamente 10 dias, em viagem de ida e volta. O primeiro professor do povoado de Passa Três foi Arlindo de Souza Bruno, pioneiro da educação.

Depois veio o professor Alcendino Montezuma de Carvalho. Montezuma fez história em Jangada. Enquanto nas comunidades do município eram outros dois professores um conhecido popularmente como Fanon e outro como mestre Gino.

A Lei nº 209, de 02 de dezembro de 1945, criou o distrito de Paz com denominação de Jangada. A Lei nº 5.051, de 11 de setembro de 1986, criou o município de Jangada, com território desmembrado do município de Acorizal (IBGE 2010).

A conexão terrestre moderna era feita pela BR-29, uma estrada de chão que ia para Cuiabá e Rosário Oeste. Na década de 1940 iniciam-se as obras da construção da BR-163/364, criando expectativas nas famílias da região. Posteriormente esta rodovia passou a

se chamar BR-364, acesso para a BR 163 e para a MT-358 que dá sentido para Barra do Bugres e Tangará da Serra.

Com isso, o desenvolvimento propriamente dito deveu-se ao fato da região ser entroncamento rodoviário, com acesso a diferentes regiões do Estado, facilitando o fluxo migratório daqueles que vinham em busca de novos rumos.

Atualmente o município de Jangada conta com 08 escolas da educação do ensino básica na rede Estadual e Municipal (Damião Mamedes do Nascimento, Benedita Augusta Lemes, Maximiana do Nascimento, Severiano Vieira da Silva, Arlindo de Souza Bruno, Creche Mãezinha Maria, Arnaldo Estevão de Figueiredo e Luiza Soares Boabaid) totalizando cerca de 1.900 educandos/as.

Existem também educandos/as que estão cursando o nível superior em diversas instituições de ensino público e privado existentes na capital, pelo qual esses, deslocam todos os dias, ou até mesmo pela necessidade, alguns já até migraram para a cidade.

Ao analisarmos os dados dos Censos de 2000 e 2010 (tabela 01), vemos que de fato ocorreu a diminuição do índice de analfabetos, porém os números ainda se mantêm elevados. A característica rural do município é, possivelmente, o fator que explica esse alto índice, uma vez que a maioria das políticas de alfabetização federal e estadual se concentra nas regiões urbanas.

Nos últimos cinco anos essa realidade tem se alterado, e atualmente há mais oportunidades para as pessoas concluírem seus estudos, porém ainda há uma resistência muito grande por parte de muitas pessoas, embora existam diversas práticas de ensino/aprendizagem.

Um bom exemplo disso é o Brasil alfabetizado, a Educação de Jovens e Adultos (EJA), entre outros.

**Tabela 01.** Taxa de analfabetismo no município de Jangada – MT (2000-2010)

Ano	Pessoas com 15 anos ou +	Pessoas Alfabetizadas	Pessoas Analfabetas	Taxa de analfabetismo
2000	5.381	4.143	1238	23%
2010	5.494	4.376	1118	20,3%

Fonte: IBGE (2000; 2010)

### 2.1.1. Caracterização Históricas das Comunidades

As histórias de luta pela terra e territorialidade no Estado de Mato Grosso estão ligadas a um modo de organização desde a muitos tempos, devido pois um processo de lutas, resistências e migração de povos de diversos locais para a região. Assim as comunidades tradicionais e as comunidades de ocupação pelos movimentos sociais são decorrentes de processos diversificados.

A cidade de Jangada, é predominantemente rural, pois 79% correspondem a população do campo e estima-se que sua economia vem da agricultura familiar camponesa e da agropecuária. A população da região está distribuída em 36 comunidades tradicionais.

Através de estudos e pesquisas os dados revelam que as terras antes eram consideradas “terras devolutas”, ou seja, eram terras “livres”.

Com a colonização do Brasil, e com a existência de indígenas no local, migraram pessoas de outros lugares e até mesmo de outros países, foram povoando e formando comunidades na região e entorno, como afirma um dos fundadores da comunidade Mutum boa Vista, Senhor Paulo José Ferreira (85 anos):

**Excerto 1:**

Quando eu e cumpade Caria chegemo aqui, num tinha ninguém morano aqui, ai fomo fazê as roça impareiado, nós dividia as roça cô pé de argudão intão cô outro tipo de pranta

Ao passar dos tempos passaram a cercar seus territórios considerando proprietários daqueles espaços. Porém, com a expansão da agropecuária e do agronegócio inicia-se a venda de médias propriedades para latifundiários de outras regiões do estado, consolidando plantações de cana-de- açúcar, eucalipto e teca.

**Excerto 2:**

Depôs de um tempo que nós veio prá cá, aí foi xegano mas gente aí que nós comessemo a cercá cô pau trançado (PAULO, 85 anos).

Em 1993, o Instituto Nacional de Colonização Reforma Agrária – INCRA, realizou a regularização fundiária dos terrenos para que dessa forma os produtores camponeses pudessem acessar os programas do governo, caso os trabalhadores não conseguissem a documentação regularizando seu terreno passariam a não receber os benefícios.

Mesmo depois de todos os processos feitos pelo INCRA, muitos trabalhadores continuaram a vender as suas terras para os proprietários de fazendas, e atualmente as comunidades estão sendo “engolidas” aos poucos pela elite capitalista.

Enfatizamos ainda o impacto com o meio ambiente que vem sendo alterado, estamos sofrendo as consequências com secas dos pequenos córregos e baixa fertilidade do solo em meios aos outros tipos de poluição e degradação ambiental que estão direta ou indiretamente associados aos modos de produção. Afirma a filha de um dos fundadores da Comunidade Mutum boa vista, Rita Argemira Bastos:

**Excerto 3:**

Tudo tá mudado minha fia!quando nós mudemo prá cá eu já lembro,era só três famia.antes nós dirrubava só o que ia prantá,nós queimava o roçado,mas fazia acero pro fogo num queimá o mato que ficava.Us rio daqui nunca tinha secado,agora a gente passa no meio do rio chega levantá poera. (RITA,59,anos)”

Dessa maneira, foram resgatados e registrados momentos, acontecimentos e períodos históricos vivenciados pelos produtores camponeses do município. Deslocamentos no território, vivências e suas relações com a terra, com a natureza, seus costumes, valores e tradições.

Outro dado levantado pelo IBGE é a relação entre a escolaridade e o gênero na população rural, conforme demonstra a tabela 02. Percebe-se um crônico problema de escolarização das mulheres, que mantém taxa de analfabetismo mais alta que a dos homens, e taxas menores de acesso ao ensino fundamental. Os dados do ensino fundamental completo e ensino médio completo demonstram uma pequena diferença positiva das mulheres em relação dos homens, mas em proporções que não nos permitem demonstrar que há uma tendência diferente da histórica sujeição das mulheres à condições críticas de escolarização.

**Tabela 02. Distribuição da escolaridade por sexo entre a população rural no Município de Jangada- MT (2010).**

Sexo		Homens <sup>1</sup>	Mulheres <sup>1</sup>
Total (630 estabelecimentos)		83%	17%
Não sabe ler e escrever		21%	23%
Nenhuma instrução (mas sabe ler e escrever)		8%	9%
Alfabetização de adultos		14%	16%
Ensino fundamental (1º grau)	Incompleto	39%	31%
	Completo	9%	12%
Ensino médio completo		6%	7%



Formação superior	3%	2%
-------------------	----	----

<sup>1</sup> A primeira linha diz respeito à proporção de homens e mulheres como titulares das propriedades; as demais linhas dizem respeito a proporção de homens e mulheres dentro do seu universo específico de gênero;

Fonte: IBGE (2010)

## 2.2. A Produção e a Comercialização dos Produtos Agrícolas em Jangada - MT

A maioria dos camponeses cultiva suas culturas de plantio em sua parcela, para o seu meio de sobrevivência, porém o excedente da produção é transformado para o auxílio de outras necessidades.

Nesse sentido uns dos modos de produção das famílias do município de Jangada é o cultivo da mandioca. Durante muitos anos ela foi para as famílias um dos meios de subsistência, isto é, se tornou para a população um “carro chefe” da economia local, proporcionando uma melhor qualidade de vida, devido a ela ser uma fonte de alimentação e geração de renda com a venda da produção.

No entanto, a produção da mandioca era feita pelos processos manuais, ou seja, os agricultores usavam as ferramentas como: foice, machado, enxada, tração animal entre outros.

Atualmente a produção de mandioca diminuiu bastante a sua prática, devido à desvalorização do preço, pois a venda acontece por meio de atravessadores que na maioria das vezes acaba explorando o agricultor, tudo isso foi gerando a desmotivação dos mesmos fazendo com que a prática e o cultivo desse produto diminuíssem no local.

Conforme podemos observar na Tabela 03, a maior parte da extensão das terras está destinada a pecuária, embora o número de estabelecimentos envolvidos com lavouras temporárias seja igualmente alto.

Esses dados confirmam os elementos apresentados nesse trabalho, de que a agricultura camponesa mantém uma intensa produção diversificada, apesar das dificuldades de produção e comercialização.

**Tabela 03. Censo Demográfico, 2010-Estabelecimentos e área total, por classes da atividade econômica do Município de Jangada – MT.**

Estabelecimentos e área total, por classes da atividade econômica		
Produção de lavouras temporárias	Estabelecimentos	255
	Área (ha)	6 343
Produção de lavouras permanentes	Estabelecimentos	19
	Área (ha)	2 592

Horticultura e floricultura	Estabelecimentos	12
	Área (ha)	472
Pecuária e criação de outros animais	Estabelecimentos	332
	Área (ha)	59 427
Produção florestal - florestas plantadas	Estabelecimentos	11
	Área (ha)	430

Fonte: IBGE (2010).

Apesar desta característica predominantemente agrária do município, a situação das mulheres no campo mantém-se crítica. Segundo o Censo Demográfico 2010, 43% dos homens com 16 anos ou mais estão empregados no setor agrícola, enquanto essa porcentagem entre as mulheres é de apenas 24%. O inverso se vê no setor de serviços, onde 35% dos homens estão empregados, ante 71% das mulheres.

### 2.3. Um breve histórico sobre Educação do e no Campo

A Educação do Campo nomeia um Fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visam incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Objetivo e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que tem implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de políticas públicas, de educação e de formação humana (CALDART, 2012, p, 257).

Nesse sentido, vale ressaltar que a Educação do Campo trata de um conjunto de ações bem ampla, ou seja, ela está amplamente ligada e interligada com a cultura, valores, com jeito de produzir, com formação para o trabalho no âmbito social.

A Educação do Campo por sua vez se estende até os dias atuais a partir das lutas pela transformação da realidade educacional específica das áreas de Reforma Agrária, protagonizadas no período de constituição especialmente pelo MST, educação essa debatidas para atender trabalhadores do campo. Portanto, as experiências históricas de luta e resistência, era e é mais que preciso, para atingir resultados de lutas coletivas.

Enfatizamos ainda que as lutas coletivas enfrentados por vários grupos de pessoas sendo elas os indígenas, quilombolas, ribeirinhos, extrativistas, os povos atingidos por barragens, movimentos sociais, organizações sindicais entre outros. É uma luta continua de fortalecimento das classes, uma vez que parte da realidade das classes para um anseio mais amplo, onde a igualdade prevalece mediante os direitos que cabem a cada camponês, assim como afirma Caldart:

Movimento de Educação de Base (MEB), das organizações indígenas e quilombolas, do Movimento dos Atingidos por Barragens(MAB),de organizações sindicais,de diferentes comunidades e escolas rurais,fortalecendo-se a compreensão de que a questão da educação não se resolve por si mesma e nem apenas no âmbito local:não é por acaso que são os mesmos trabalhadores que estão lutando por terra,trabalho,território os que organizam esta luta por educação.Também não é por acaso que se entra no debate sobre política pública. [...] Ainda que a Educação do Campo se mantenha no estrito espaço da luta por políticas públicas, suas relações constitutivas a vinculam estruturalmente ao movimento das contradições do âmbito da Questão Agrária, de projetos de agricultura ou de produção no campo,de matriz tecnológica,de organização do trabalho no campo e na cidade..E as disputas se acirram ou se expõem ainda mais quando se adentra o debate de conteúdo da política,chegando ao terreno dos objetivos e da concepção de Educação do Campo, de sociedade,de humanidade (CALDART, 2012, p. 259-261).

Portanto a Educação do Campo está inserida nos mais variados espaços de formação, nos últimos tempos vem acontecendo encontros,reuniões, seminários,cursos técnicos e graduação,que está sendo discutido,principalmente políticas públicas, numa perspectiva de ampliar acessos aos direitos e as lutas contra hegemonia,isto é, levar a diante os interesses da população camponesa,onde prevaleça a igualdade social como um todo,um exemplo prático disso e que está bem próximo de nós é a Licenciatura em Educação do Campo - LEdoC, ela vem priorizando e contribuindo com os aspectos que além de favorecer os camponeses,ela dá continuidade as lutas de classes,uma vez que torna digno de respeito a função social,ambiental,cultural e religiosa.

Diante disso, é importante ressaltar que os movimentos sociais de luta pela terra, como o MST em geral, buscam o fortalecimento do campo através de políticas públicas voltadas para o campo, como por exemplo, o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - Pronera, entre outros. No sentido de tentar modificar a visão genérica do docente-educador.

Ressaltamos a persistência e resistência da classe trabalhadora diante dos ataques sofridos por diferentes setores de disputas como os latifundiários,capitalistas monopolistas,agronegócio,da mídia capitalista e de setores do estado,entre outros.

Na mediação desses trabalhos da classe trabalhadora,vem sendo pensado e ao mesmo tempo trabalhado pelas nossas escolas,comunidades,enfim povo do Campo,como principio de transformação humana.

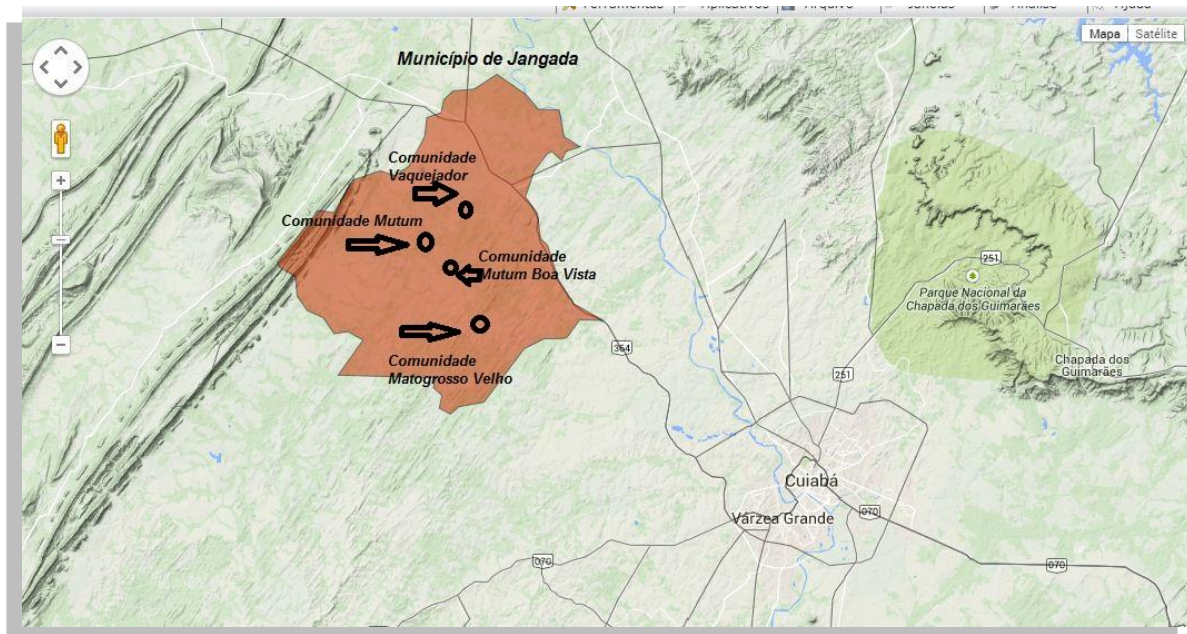
Esses movimentos lutam não por mais escolas e mais profissionais, mas por uma educação com sujeitos coletivos e políticas de formação de docentes - educadores, onde possam também formar intelectuais orgânicos para a educação libertadora e de lutas pela

terra, território, agricultura camponesa e Reforma Agrária, tornando um novo alento para os povos do Campo.

## CAPÍTULO III

### 3.LIMITES E POTENCIALIDADE DO CAMPESINATO EM JANGADA/MT

O município de Jangada é composto por 36 comunidades, dentre elas foram realizadas a pesquisa em quatro delas, sendo as comunidades: Vaquejador, Mutum, Mutum Boa Vista e Mato Grosso Velho, conforme ilustrado na figura 4. Dessa forma analisamos os modos de produção camponesa na região. Para obter essas informações foram utilizados procedimentos do método de pesquisa qualitativa por meio de entrevistas, realizado com cinco pessoas distribuídas nas comunidades citadas acima, a fim de garantir a representatividade das demais comunidades.



**Figura 04. Comunidades onde foi realizado o estudo de caso Fonte: Elaboração própria**

Procurou-se também garantir que os entrevistados fossem de famílias que estavam produzindo e comercializando a sua produção, uma vez que a principal atividade econômica exercida pelo município está relacionada à agricultura e é em grande parte destinada ao autoconsumo, mas também ocorre a venda de excedentes. Ela é praticada nos roçados, áreas de terras maiores que se localizam geralmente distantes da moradia.

A mandioca, por exemplo, é a cultura mais encontrada no município, embora tenha diminuído nos últimos tempos. Sua produção é para o consumo da família e venda em forma de farinha ou in natura. Nas roças, também são encontrados cará, batata doce, abóbora, banana além de melancia, melão, quiabo, milho e outras hortaliças de folhas.

Esses dados são corroborados pela pesquisa de Persona (2010). Segundo o autor, a Empresa Mato-grossense de Pesquisa Assistência e Extensão Rural – EMPAER-MT identificou a cadeia do leite como principal atividade desenvolvida pelo campesinato, sendo que 30% destes estão ligados a ela, produzindo 90% do total do estado. As outras atividades realizadas em menor escala e citadas pelo autor são “*a produção de mandioca, muito comum na região da Baixada Cuiabana, mas ainda considerada de baixa produtividade, abacaxi, banana, cana-de-açúcar, coco, milho, a olericultura e borracha*”.

A região no entorno do município vem nos últimos anos apresentando monoculturas de soja, algodão herbáceo em caroço e sorgo, o que levanta uma certa preocupação quanto a disseminação de agrotóxicos, um exemplo dessa prática está presente próximo de algumas das comunidades entrevistadas, onde as mesmas relatam que não é preciso usar insumos, porém esses vem da produção vizinha, comprometendo assim com suas parcelas.

Segundo as entrevistas, podemos identificar o perfil dos produtores camponeses, como um modo de valorização da agricultura camponesa como parte de um saber popular que possibilita a sobrevivência familiar no Campo. Portanto, pensar essa vivência é valorizar além da produção, manter o cuidado com o solo, as sementes crioulas, entre outros possibilitando sua independência. No entanto cultivar essas práticas requer ao agricultor a autonomia de decidir o modo de produção que venha garantir a sustentabilidade da família, assim como justifica a agricultora:

**Excerto 4:**

No minha upinião, são us prudutos que nós prudutores cultivamo de nosso cunhimento, com nossos valores cultural, que num precisa de semente selecionado, só memo as semente que selecionamo de nossa roça (MARIA, 38 anos).
---

A garantia da sustentabilidade depende do processo de cultivo, o modo de produzir levando em conta à vida comunitária, as diversidades e o manejo do solo, entre outros, criando relações entre o ser humano e a natureza, e estabelecendo um cuidado integral de ambas as partes, centralizando assim a reprodução social dos seus trabalhadores diretos que são os componentes familiares.

Diante das conversas com os entrevistados podemos obter informações que destacam os produtos mais cultivados no município como a abóbora, mandioca, batata doce, milho, banana, melancia, limão, quiabo, feijão de corda, maxixe, legumes, folhagem, entre outros lembrando que nem todos são de caráter comercial. Uma vez que até se

torna necessário, porém tem tantos outros fatores que não favorecem esse acesso aos agricultores.

Enfatizamos ainda que no município de Jangada a Agricultura Familiar Camponesa, não é diferente tem como principal característica o trabalho em família, principalmente a participação das mulheres e das crianças.

Ressaltamos ainda que os produtos sejam basicamente para subsistência, o excedente é comercializado para alimentação escolar pelo programa<sup>3</sup> PNAE ação da venda dos produtos da Agricultura Familiar regulamentada pela<sup>4</sup> Lei Nº 11.947, de 16 de junho de 2009, proporcionando assim que através da<sup>5</sup> DAP – Declaração de Aptidão ao Pronaf, o agricultor possa realizar a escoação do excedente. Assim como relata a agricultora abaixo:

**Excerto 5:**

Nós participamos de comercialização de lanche escolar.a principio foi um desafio,depôs a gente foi pegando prática.É importante porque a gente sabe o destino dessa produção e é mais gratificante porque vai para a merenda escolar (G.B.S.45,anos).

Porém alguns agricultores/as ainda sentem muita dificuldade em escoar a produção, que nem todos estão regularizados para emitir notas e sem elas torna quase impossível de vender seus produtos.

Esses agricultores/as,então quando vendem é mais na própria comunidade ou na feira municipal que acontece uma vez por semana na cidade do município,assim como relata esse produtor:

**Excerto 6:**

As vez nós participa da fera municipal, mas nem sempri cumpensa í lá, porque é uma vez na semana,é longe,e as vez nem vendi.Nenhum comerciante compra da gente.Prá vendê prá iscola é difícil,porque é prciso de nota e se fô pra tirá nota e vende só no valor de R\$ 100,00 como de custume num cumpensa porque tem que pagá para cortá essa nota (C.R.S.48,anos).

Dessa forma outro prefere sair nas comunidades vendendo de casa em casa ou em alguns eventos que acontecem no município assim como nas escolas que sempre acontece à feirinha solidária e agroecológica e a festa da semente que é realizado uma vez por ano com o apoio da Comissão Pastoral da Terra - CPT, assim como o produtor relata:

**Excerto 7:**

Vendemos em algum evento, onde acontece as feirinhas agroecológicas,como a festa da

<sup>3</sup> <http://www.fnnde.gov.br/index.php/programas/alimentacao-escolar/alimentacao-escolar-apresentacao>. Acesso: 21-Nov-2014.

<sup>4</sup> [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/11947.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11947.htm). Acesso: 21-Nov-2014.

<sup>5</sup> <http://www.agricultura.al.gov.br/programas/DAP.pdf>. Acesso: 21-Nov-2014.

semente,ou as feirinhas que as vezes acontecem nas escolas.Nas comunidades também de vez em quando eu levo nas caixas na garupa da moto e vendo rapidinho (A.M.50,anos).

Nesse sentido, podemos observar que há uma série de problemas no ato da comercialização, pois, de acordo com os entrevistados, existe muita falta de assistência técnica, uma vez que, com o acesso ao Pronaf, pelos produtores, nos últimos seis anos, percebe-se que estes perderam muito pela inexistência de acompanhamento da produção.

Isso porque, uma vez que era o primeiro projeto a ser acessado, teve-se uma perda muito grande, pois no ato de sua realização, o projeto era bem convidativo, apresentando inúmeras possibilidades, porém na hora da prática, não deram o devido suporte.

Exemplo bem prático disso é uma enorme despoldadeira de fruta que está situada na Comunidade do Mutum, onde tem vários tipos de maquinários para fazer o processo de retirada da polpa da fruta, porém desde que construiu o Galpão e instalou as máquinas, nunca ninguém os utilizou pelo fato de ninguém saber manuseá-los, então ficou sem utilidades, apenas ocupando espaço.

Assim os agricultores/as que acessaram o Pronaf na expectativa de poder tirar uma renda daquele espaço, só ficaram endividados e não usufruíram da produção. Alguns derrubaram toda a plantação, outros deixaram perdidos no meio do mato, já para o grupo informal das mulheres empreendedoras “Feito por Nós” da comunidade do Mutum elas aproveitam de várias formas além da retirada da polpa fazendo os derivados do caju como bala, pastel, bolo, pudim, entre outros,utilizando para subsistência e comercializando o excedente.

Além da assistência técnica o transporte também é um dos fatores agravantes, pois é um transporte inadequado para conduzir os produtores/as na feira do município, é uma calamidade, eles contam com um tipo de transporte aberto que toma sol, chuva e frio, a ponto até mesmo de estragar e perder todo o produto,e ainda correm risco de vida, “*O transporte que leva os produtores para a feira é desumano (G.B.S.45,anos)*” confirma a agricultora.

Já para transportar os agricultores/as até a central de comercialização situada no município de Várzea Grande, os mesmos não encontraram nenhum apoio na deslocação, se não arcar com as despesas do próprio bolso.

No entanto é importante destacar que na agricultura de subsistência, são cultivadas uma variedades de produtos,mas nem todos são de caráter comercial , alguns dos produtos vão para a comercialização como descritos no quadro abaixo:



<b>Espécies cultivadas</b>	<b>Nome Científico</b>	<b>Modo de consumo</b>	<b>Tipo de venda</b>
Mandioca	<i>Manihot esculenta</i>	In natura /processado (farinha)	Direta ao consumidor / PNAE / venda indireta (atravessador).
Milho	<i>Zea mays</i>	In natura (usado em grande maioria para consumo animal)	Direta ao consumidor
Banana	<i>Musa spp.</i>	In natura	Direta ao consumidor / PNAE / venda indireta (atravessador).
Caju	<i>Anacardium occidentale L.</i>	Polpa	Direta ao consumidor / PNAE
Limão	<i>Citrus limon</i>	In natura	Direta ao consumidor / venda indireta (atravessador).
Batata Doce	<i>Ipomoea batatas</i>	In natura	Direta ao consumidor / PNAE / venda indireta (atravessador).
Acerola	<i>Malpighia emarginata</i>	polpa	Direta ao consumidor / PNAE

Quadro 1: <sup>1</sup> <http://www.agricultura.al.gov.br/programas/DAP.pdf>. Acesso 27/Nov/2014 as 20:15horas.

Assim os entrevistados foram pessoas que já tiveram ligação com associações, e por algum motivo deixaram de fazer parte desses coletivos devido a forma de organização, ou pela falta de elementos que atendam suas necessidades.

Nesse sentido há uma resistência muito grande em reconstruir esse coletivo novamente, pois para alguns a insegurança é o principal alvo dessa desconstrução, permitindo assim o distanciamento do trabalho coletivo entre agricultores/as em forma de associações, assim como afirma o agricultor:

**Excerto 8:**

Já fez parte de associação, há algum tempo atrás, mutirão, para poder nós ajudá, más o presidente da associação gastava o dinheiro dos associados desnecessário, então resolvi abandonar a associação. Hoje minha produção é somente produção individual (B.R.S, 69 anos).

Percebe-se que no decorrer da pesquisa muitas pessoas já viveram experiências de associação, onde os mesmos mantêm a resistência devido a má administração, principalmente de quem está a frente da organização. Partindo desse pressuposto, identificamos também que seria necessário um processo de formação, contribuindo com o fortalecimento do grupo de associados.

Em alguns relatos também apresentou a questão de formação de uma cooperativa, há mais ou menos uns dez anos atrás, onde a proposta era, propiciar aos agricultores/as uma alternativa de escoamento de produção, uma vez que sempre teve os mesmos problemas na hora da comercialização. Essa cooperativa foi conquistada através de lutas das associações, porém os desafios maiores que as lutas vieram depois.

Logo após a inauguração do estabelecimento iniciou-se uma política de governo muito forte diante dos projetos de produção e escoamento, que dificultou o encaminhamento dos projetos estabelecidos pelas associações, até que o grande galpão conquistado foi simplesmente abandonado usado apenas pelos grandes fazendeiros que acabaram comprando aquele espaço por estar próximo de sua fazenda.

Diante dos relatos dos entrevistados, ouvir na fala dos agricultores, que em termos usados também foi muito desafiador, pois, podemos perceber a oposição, ou uma contradição de alguns por parte do poder público, municipal, alguns deles disseram que tem apoio, do poder público, outros disseram que não podem contar com apoio do poder público “*O poder público sempre deixou a desejar a questão da agricultura (G.B.S.45, anos).*”

#### **Excerto 9:**

O poder público pouco incentiva, pois poderia realizar mutirão de produção demonstrativo como acontecia um tempo atrás uns 20 anos mais ou menos, incentivo na produção e também na comercialização. Como facilidade na emissão de notas, menos burocracia para escoar os produtos, carro descarte para levar o produto até o destino acesso ao crédito entre outros. Por exemplo a prefeitura sempre faz distribuição de sementes, mas escolhe as pessoas beneficiários dessa semente, os tratores também sempre a gente tem que pagar pela mão de obra particular (B.R.S,69,anos).

Compreendemos então dessa forma que a política de governo mais uma vez torna uma problemática nesse município, tratando o modo de vida e sobrevivência dos agricultores com um verdadeiro descaso. Percebe-se diante desses relatos que a atenção por parte desse órgão tem uma direção, que tende a atender demandas das pessoas de forma diferenciada, individualizada e nessa mesma linha de raciocínio, os agricultores relatam que às vezes sentem desanimados na produção.

Um dos critérios alegados por parte do poder público, é que os agricultores camponeses não se encontram organizados, pois se eles estivessem organizados em associações seria possível conquistar os objetivos com mais facilidades, Entendo isso apenas como uma justificativa para suas atitudes, porém não justifica o modo de vida e sobrevivência dos produtores camponeses, em seu convívio social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desse trabalho apresenta como primeiro resultado a mim conferida de poder refletir o espaço conquistado pelos camponeses e as lutas pela sobrevivência em seu local de origem enquanto camponês. Em segundo lugar, a possibilidade de melhor compreender o porquê das problemáticas, ainda presentes na agricultura camponesa e de poder contribuir com a busca de melhorias para as comunidades que compõe o município de Jangada.

De fato, a agricultura camponesa tem uma prática importante, que tende, a fornecer, além de alimentos saudáveis, frescos, e nutritivos, também os valores culturais e prática de cultivo, onde respeita a relação do homem com a natureza, buscando assim relacionar a realidade das pessoas e comunidades, historicamente, excluídos, onde possam alcançar uma vida digna, de produção e reprodução social.

Elencamos ainda que a prática desenvolvida por esses camponeses/as requer além da sustentabilidade familiar com o próprio produto cultivados pelo grupo familiar, a garantia em poder atender tantas outras famílias atendendo as necessidades da população com alimentação de qualidade, e dando destino a esses produtos.

Nesse sentido os agricultores/as apresentam-se como os agentes de transformação dessa realidade imediata. Para tanto estes devem receber as condições necessárias de seus direitos para a realização de seus trabalhos. Diante disso o curso de Licenciatura em Educação do Campo é uma das alternativas, mostrando como um dos resultados da luta dos movimentos sociais em prol de melhores condições para as comunidades que vivem no Campo e do Campo

A constatação de que os agricultores/as camponeses/as do município de Jangada apresentam dificuldades, não de produzir, mas de poder escoar o excedente de seus produtos, é obviamente notado nos depoimentos desses camponeses.

Sendo assim, esses depoimentos revelam também a necessidade que tem do poder público estadual e principalmente o municipal em olhar e atender de forma justa e necessária as demandas dos agricultores/as camponeses/as, assim revendo o planejamento e conceito, em especial a Secretaria de Agricultura do município, para assim poder atender as demandas das 36 comunidades que compõem o município.

Apesar do quadro de problemas que vêm enfrentando os agricultores/as, na infraestrutura das comunidades, condições precárias de trator para auxiliar no arado no tempo

certo de plantio, nas estradas que às vezes é difícil o acesso até mesmo de charrete ou carroça para a retirada do produto da roça e o transporte para o escoamento da produção.

Mesmo com tamanha dificuldade os agricultores/as demonstram senso de responsabilidade, interesse em levar adiante essa prática, esse compromisso com a sustentabilidade familiar e para que chegue a mesa de tantas outras pessoas.

Enfatizamos ainda, a relevância e insistência de alguns apoiadores em fortalecer a agricultura camponesa assim como a CPT e outros, que tentam manter encontros, seminários e reuniões de formação importantes para a classe trabalhadora, onde trata da realidade camponesa como um todo, ou seja, ela é um dos alicerces da agricultura camponesa no município.

Como por exemplo, a festa da semente crioula que acontece anualmente no município de Jangada. Acreditamos na necessidade da realização deste encontro para continuidade das discussões da realidade e do fortalecimento da identidade camponesa.

Por fim, ressaltamos a importância da prática do cultivo agroecológico vivenciado pelos agricultores/as camponeses/as do município de Jangada. Buscando a preservação da identidade camponesa, da cultura, dos anseios familiares e ensinamentos passados de geração em geração. Evidenciamos que tal perspectiva é fundamental para a promoção da necessidade de reconstruirmos as práticas agroecológicas cultivadas pelos nossos antepassados, para continuarmos na luta pela sobrevivência e pela produção. Proporcionando as nossas famílias e comunidade, o valor do respeito, da coletividade e da solidariedade, enfim a luta pela agricultura camponesa.

## REFERÊNCIAS

CALDART, Roseli Salete, Educação do Campo. In: **Dicionário da Educação do Campo**.

CALDART, et. al. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

COSTA, Francisco de Assis; CARVALHO, Horácio Martins. Agricultura Camponesa. In: **Dicionário da Educação do Campo**. CALDART, et. al. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

INSTITUTO MATO-GROSSENSE DE ECONOMIA AGROPECUÁRIA (IMEA). **Projeções do agronegócio em Mato Grosso para 2022**. Disponível em [http://imea.com.br/upload/pdf/arquivos/AgroMT\\_Outlook\\_2022.pdf](http://imea.com.br/upload/pdf/arquivos/AgroMT_Outlook_2022.pdf) Acessado em 20 out 2014.

MUNICÍPIOS DE MATO GROSSO ATUAL-FERREIRA e SILVA,(2008,p.12 e 13).Editora PAN DAN.Cuiabá-2012.

PERSONA, R. **Cadeias Produtivas**. Cuiabá: SEDRAF, 2010. Disponível em: <[http://www.seder.mt.gov.br/html/ind\\_modelo.php?CX=noticia\\_miolo&codigoNoticia=2653&f\\_assunto=0&f\\_data=0](http://www.seder.mt.gov.br/html/ind_modelo.php?CX=noticia_miolo&codigoNoticia=2653&f_assunto=0&f_data=0)>. Acesso em 12 nov. de 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JANGADA, **Histórico**. Fonte: IBGE,2010 Link:<http://cod.ibge.gov.br/9zQ> Acessado em 23 de junho de 2014.

## SITES CONSULTADOS

**Agricultura Patronal**. Disponível em <http://projetoterra7b.blogspot.com.br/search/label/Agricultura%20Patronal>. Acesso no dia 07/11/2014, as 21: 23 horas.

**Programas/DAP**.Disponível em <http://www.agricultura.al.gov.br/programas/DAP.pdf> acesso.27/Nov/2014. as20:15 horas.

**Legislação,Aquisição da merenda escolar**.disponível em <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/711767/lei-11947-09#>. Acesso no dia 03/06/2014, às 15h17min horas.

LIMA,Cícero Erivaldo de.**A agricultura Camponesa no Brasil** disponível em [http://www.programabolsa.org.br/pbolsa/pbolsateseficha/arquivos/tese\\_cicero\\_erivaldo\\_de\\_lima.pdf](http://www.programabolsa.org.br/pbolsa/pbolsateseficha/arquivos/tese_cicero_erivaldo_de_lima.pdf).acessado 17/Nov/2014.às 11:37horas.

MARCHESE,Marilene dos Santos **DESIGUALDADES REGIONAIS DE MATO GROSSO** disponível em <http://www.secretariageral.gov.br/.arquivos/monografias/Marilene%20dos%20santos%20Marchese.pdf>. acesso no dia 24/Nov/2014.às 20:horas

**História do município de Jangada** disponível em <http://www.jangadamt.br/site/jangada/história.html>.acesso 28/Nov/2014.às 21:48horas.

**Programa Nacional de Alimentação Escolar PNAE** Disponível em <http://www.fnde.gov.br/index.php/programas/alimentacao-escolar/alimentacao-escolar-apresentacao>. Acesso: 21-Nov-2014.às 20:13 horas.

**Lei nº11.947/2009-Alimentação Escolar**.[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/111947.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/111947.htm). Acesso: 21-Nov-2014.

AMARAL,Cleomara Nunes do. SOUZA,Gabriela coelho de.**Educação Popular e Agricultura Familiar uma análise sobre a implementação do programa projovem campo na baixada cuiabana-MT**.Disponível em:[sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/educação/article/viewFile/1131/811](http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/educação/article/viewFile/1131/811).Acesso :19-nov-2014.às 16:21 horas.

## **ANEXOS**



## **ANEXO 1 - Roteiro de questões para entrevistas**

1- Nome e comunidade onde mora.

2- O que é agricultura camponesa?

3- Que tipo de cultura você cultiva em sua propriedade e como é o cultivo? usam insumos? e como é a mão de obra?

4- Você participa de algum sistema de comercialização dos produtos produzidos em sua propriedade?

5- Qual o destino dessa produção?

a)  Doação

d)  Vende

b)  Troca

e)  beneficia

c)  reemprega

f)  transforma o produto

6) Como você vê o valor do produto? valoriza só o que:

a)  consome.

c)  vende direto.

b)  vende para o governo.

d)  vai para o mercado.

7) Você faz parte de alguma organização, associação, cooperativa ou produção individual?

8) O que o poder público tem feito para incentivar e apoiar os produtores na produção e escoamento dos produtos?

9) Como você avalia a organização dos produtores camponeses?

10) Para você o que seria necessário para potencializar a produção e comercialização dos produtos da agricultura camponesa?

## ANEXO 2 - Fotos



**Imagem: (horta mandala) Agricultor C.R.S em sua unidade de produção na comunidade Vaquejador, Jangada-MT 2014.**



**Imagem: (criação de porco) Agricultura R.A B.S em sua unidade de produção na comunidade Mutum Boa vista,Jangada-MT 2014.**



**Imagem: (plântio de banana) Agricultor A M em sua unidade de produção,na comunidade Mato Grosso Velho,Jangada-MT**



**imagem: (Lavoura de mandioca)Agricultor B.R.S em sua unidade de produção na comunidade Mutum Boa Vista,Jangada-MT 2014.**